

# Os índios ou bugres

Pelo Dr. Raul Schwinden OAB 16.332

O Tupi-Guarani, no Planalto Paulista, que é limitado no caso, pela várzea do Parque D. Pedro II, hoje; do oposto pelo Vale do Anhangabai; pela atual igreja de São Bento e mais ou menos, pelos fundos da atual Catedral de São Paulo. Nesse planalto que era cercado pelos índios Tupis-Guaranis, durante dois (2) séculos, nele se falava o Tupi-Guarani, segundo o saudoso Prof. Silveira Bueno.

Posteriormente, o Português, por ser língua mais adiantada, sobrepujou o Tupi. Calcula-se que ao ser descoberto, no Brasil havia mais de 2 (dois) milhões de índios. Assassinados, escravizados, expulsos de suas terras, hoje restam 230 mil índios mais ou menos.

**Hipocrisia**  
 Os índios remanescentes, inclusive no Estado de São Paulo ainda não tem suas terras demarcadas. Por quê, Dr. Glênio Alvarez Presidente da Funai? Por quê, Dr. José Gregório?

## Índigenas levam reivindicações a Durban



A macuxi Irani

A principal delas é o reconhecimento como povo que tem história, idioma e cultura próprias.

DURBAN- Os índios querem ser reconhecidos como povos que têm história, língua e cultura próprias e não como simples remanescentes de uma civilização do passado, que os brancos consideram em extinção. Esta é a principal de uma série de reivindicações que eles apresentarão à Conferência Mundial contra o Racismo, em Durban, onde representantes indígenas das três Américas estão discutindo seu futuro.

"Temos de ser encarados como povos indígenas, porque esta é a nossa identificação", disse Azelene Kaingang, do Conselho de Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil, membro da delegação brasileira enviada à conferência. Com isso, os índios exigem serem respeitados como pessoas, com os mesmos direitos dos demais cidadãos, embora sendo diferentes e vivendo à sua maneira.

Além de Azelene, que viajou a convite do governo em missão oficial, mais seis índios acompanham os debates da reunião promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) na África do Sul. Desarticulados no início, aos poucos eles vão tomando contato com delegados de outros países, na certeza de que será possível somar forças na luta por objetivos comuns. A programação paralela das ONGs, que se antecipou à pauta da conferência, facilitou os contatos.

"Temos os mesmos problemas e as mesmas reivindicações", disse a macuxi Irani Barbosa dos Santos Miziaba, da Organização das Mulheres Indígenas de Roraima. Desfilando de cocar, brinco e colar de penas coloridas entre os pavilhões do Centro Internacional de Convenções, ao lado de dois índios baianos - o pataxó Joel Braz dos Santos (ou Xarru Ingorá Mirim) e o há-hã-hã Agnaldo Pataxó -, ela literalmente parou o trânsito.

Delegados de outras partes do mundo, alguns deles vestidos com vistosos trajes típicos de suas regiões, pediam licença para fotografar e filmar a brasileira, como se ela fosse uma figura estranha no meio da multidão. "Na minha aldeia eu ando nu e ninguém repara", disse Irani, apontando a curiosidade dos estrangeiros como um exemplo de discriminação. "Os índios estão aqui para mostrar que estão vivos", acrescentou a macuxi, sorrindo para uma jornalista oriental de vestido longo e turbante.

Terras- Irani e seus parentes pataxós advertem que os índios não devem lutar apenas pela terra, mas "pela terra produtiva, que tenha mata, caça, água e peixe", porque "isso depende de sua sobrevivência. A terra é a nossa mãe, não é só um bem material que dá lucro", observou Irani. Bem diferente das terras dos pataxós da Bahia, observou Agnaldo, vereador pelo PT no município de Pau Brasil.

"Na região de Porto Seguro, onde vive meu povo, a terra tem de renascer, porque está toda destruída", emendou Joel Braz, cacique pataxó de Aldeia Nova. A recuperação e a garantia da terra não dependem de titulação, segundo Azelene, mas do reconhecimento dos direitos dos índios. Por isso as lideranças indígenas não têm essa reivindicação.

Eles também não exigem serem reconhecidos como nações, com territórios autônomos dentro de um Estado independente. Azelene acha que não adiantaria conceder esse status aos índios e não respeitar seus direitos. "Os

americanos transformaram os territórios indígenas em nações, mas em seguida declararam guerra a eles, ganharam e tomaram tudo", observou a líder Kaingang. "Gosto de ser brasileira, quero continuar brasileira, sem território autônomo, mas com o devido respeito aos direitos de meu povo", acrescentou.

**Autodeterminação-** As índias Luz Gladis Vila Pihue e Nely Marcos, das aldeias quechua e ashandinka, da Selva Central do Peru, são mais radicais. "Lutamos pela nossa autodeterminação e, assim, exigimos ser considerados povos e não populações", anunciou Pihue, observando que existe uma boa diferença entre as duas coisas. "As populações indígenas são expulsas de suas terras, de acordo com os interesses de mineradores e madeiras, enquanto os povos conseguem ser respeitados".

O ministro Tadeu Valadares, secretário do Departamento de Direitos Humanos do Ministério das Relações Exteriores, afirmou, em reunião da delegação brasileira, que os negros e os índios serão o destaque na pauta do Brasil durante a conferência.

### Brasil tem 500 representantes na conferência

DURBAN- O porta-voz do Ministério da Justiça, Nelson Pentead, informou que apenas os membros da delegação oficial, de 53 pessoas, que participam da Conferência Mundial contra o Racismo viajaram com as despesas pagas pelo governo. Os outros delegados, que ontem já somavam 168, pagaram a viagem com dinheiro do próprio bolso ou foram enviados pelas instituições para as quais trabalham. A delegação é chefiada pelo ministro José Gregori e, em sua ausência, pelo embaixador Gilberto Saboia.

Os delegados oficiais foram escolhidos pelas suas funções ou por serem estudiosos ligados aos temas em discussão. Somente eles participam das negociações, disse Pentead, embora todos os outros membros da delegação também tenham acesso ao plenário e às salas de debate. Somando-se os militantes de ONGs, sindicatos, partidos e outras entidades, os brasileiros são cerca de 500 em Durban.

Integrantes da delegação oficial ou agregados à missão mais ampla, que também têm direito ao crachá de delegação, receberam de US\$ 200 a US\$ 300 de diária, além de passagens de ida e volta. Os vãos custam de R\$ 5.000 a R\$ 7.500. A invasão de mais de 17 mil pessoas provocou um caos em Durban, cidade de 1,2 milhão de habitantes que teria condições de abrigar apenas 6 mil hóspedes.

### País, com 45 delegados, terá atuação corajosa no encontro

É o que garante o embaixador Gilberto Saboia, subchefe da delegação brasileira.

DURBAN- O Brasil vai participar da 3ª Conferência Mundial das Nações Unidas contra o Racismo com uma delegação ampla e diversificada- 45 delegados de diferentes setores, incluindo diplomatas, religiosos, negros, índios e militantes de organizações não-governamentais de todos os cantos do País. Segundo o embaixador Gilberto Saboia, subchefe da delegação brasileira e secretário de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, a atuação nacional será corajosa entre os cerca de 17 mil participantes da reunião. "Somos uma sociedade que tem a marca dos problemas raciais e sociais na origem histórica", disse Saboia, referindo-se à presença de líderes indígenas e negros em.

Os índios serão representados por Azelene (caingangue), de Santa Catarina, ao lado do presidente da Funai, Glênio Alvarez. Os negros, procedentes de vários movimentos vão comparecer em massa, tendo como porta-voz a professora Sueli Carneiro, de São Paulo, presidente do Movimento Geledéz. A delegação contará também com o bispo negro Gilio Felício, auxiliar da diocese de Salvador (Bahia), e com a líder afro-brasileira, Mãe Estela.

O ministro da Justiça, José Gregori, que chegará amanhã a Durban, fará o discurso de abertura dos brasileiros. Hoje, os Correios vão lançar o selo comemorativo da conferência em parceria com a África do Sul.

**Dificuldades-** A conferência da ONU provocou um caos na rotina de Durban. Os hotéis da cidade, com capacidade para 6 mil hóspedes, não têm condições de abrigar todos os 17 mil que já chegaram à cidade. O número está bem acima da previsão. Os hotéis estão cobrando até oito vezes maiores do que os normais. A Embaixada do Brasil alugou oito chalés num clube de campo, a 40 quilômetros da cidade, para hospedar os delegados brasileiros. Cada quarto custa US\$ 100 e será pago por seus ocupantes.

**EUA-** Os Estados Unidos enviarão uma delegação de médio escalão à África do Sul para tentar modificar as referências a Israel nos documentos da conferência, informou o porta-voz do Departamento de Estado, Richard Boucher. O grupo será liderado pelo vice-assistente do Departamento de Estado para organizações internacionais, Michael Southwick.

Se a missão for bem-sucedida, durante as negociações preliminares, os EUA poderão participar plenamente do evento. O objetivo é evitar a política israelense em relação aos palestinos seja tratada como sionismo.

**José Maria Mayrink**  
**Os índios ou bugres**  
**Conhecimentos indispensáveis**  
**Prof. Doutor Silveira Bueno**  
 Colige este dicionário palavras que pertenceram à língua preponderante nos trabalhos da catequese cristã, o Tupi, no espaço de tempo que abrange dois séculos, entre 1550 e 1750.

de comunicação, quer entre as várias tribos aldeadas, quer entre missionários, quer ainda, no decorrer do tempo, entre portugueses e nativos. Criou-se então verdadeira língua geral que, pela costa atlântica, desceu do norte para o sul do país.

Em consequência desta aculturação, especialmente, de S. Vicente, em S. Paulo, para o sul, no contato com outros falares indígenas, dialetou-se o Tupi no Guarani. Dado o maior desenvolvimento geral desta parte meridional, estendendo-se até os territórios das Missões, atingindo o Paraguai, Uruguai e Argentina, do que as regiões do norte do Brasil, um número muito maior de vocábulos guaranis foram postos em uso. Os Bandeirantes, partindo sempre de S. Paulo, falando esse dialeto guarani, o disseminaram em suas viagens por quase todo o país. Tal foi o desenvolvimento desta dialetação do Tupi que os missionários espanhóis dele se serviram na sua monumental obra de cristianização que muitos chegaram a falar de um verdadeiro "Império Jesuítico" nesses territórios por eles aculturados. Segundo a opinião do historiador Taunay, em S. Paulo, até o século XVIII, falava-se guarani nas famílias, espanhol nas ruas e somente português no trato oficial com as autoridades governantes. Com tão grande penetração do Guarani, nada de admirar que a língua portuguesa se enriquecesse com grande cópia de palavras e expressões indígenas, vivas ainda em nossos dias, especialmente, na fala rústica da nossa gente. Na terceira parte deste dicionário colocamos o nosso estudo Les Langues Indigènes du Brésil et leur influence sur le Portugais apresentado ao Premier Congrès International de Dialectologie Générale Louvain- Bruxelles, que justamente comprova a grande extensão dessas influências guaranis, mas também, tupis, na expressão portuguesa da língua do Brasil. Grande número destas contribuições indígenas foi acolhido por esta obra.

Em épocas posteriores, dada a natural separação das regiões amazônicas do resto do país, teve o Tupi de sofrer todas as influências dos dialetos do Caribe e Aruaco, dando-se então o aparecimento de outra língua franca, essencialmente, amazônica, o Nheengatu. Na opinião do falecido Prof. Frederico G. Edelweiss, apesar de, etimologicamente, significar língua boa (Nheen, falar, Gatú bom), "quase nada conserva da estrutura do tupi antigo e nunca foi falado por qualquer tribo tupi não aculturada" (Estudos Tupis e Tupi-Guaranis-pg. 33 nota 73).

De Nheengatu fizeram estudos quase todos os indigenistas do norte e, aos poucos, na expansão da Amazônia, algumas alterações do Nheengatu chegaram até o sul, razão pela qual as acolheu este dicionário.

As contribuições amazônicas predominaram no "Dicionário da Língua Tupi/ chamada/ língua geral dos indígenas do Brasil/por A. Gonçalves Dias./Lipsia:/ F. A. Brockhaus/Livreiro de S. M. o Imperador do Brasil. 1858. Isto explica a existência, nesta obra, de dois Vocabulários, aparecendo, separadamente, o de Gonçalves Dias para que os estudiosos do assunto possam compará-los.

**Canção do Tamoió**  
 Não chores, meu filho;  
 Não chores, que a vida  
 E' luta renhida:  
 Viver é lutar.  
 A vida é combate,  
 Que os fracos abate,  
 Os fortes, os bravos,  
 Só pode exaltar.  
 Um dia viveremos!  
 O homem que é forte  
 Não teme da morte;  
 Só teme fugir;  
 No arco que entesa  
 Tem certa uma presa,  
 Quer seja tapuia,  
 Condor ou tapir.  
 O forte, o cobarde  
 Seus felizes inveja  
 De o ver na peleja  
 Garboso e feroz;  
 E os tímidos velhos  
 Nos graves conselhos,  
 Curvadas as frentes,  
 Escutam-lhe a voz!  
 Domina, se vive;  
 Se morre, descansa  
 Dos seus na lembrança.  
 Na voz do porvir.  
 Não cures da vida!  
 Sé bravo, sé forte!  
 Não fujas da morte!  
 Que a morte há de vir!  
 E pois que é meu filho,  
 Meus brios reveste;  
 Tamoió nasceste,  
 Valente serás.

**Se duro guerreiro,**  
**Robusto, frágil,**  
**Brasão dos tamoiós**  
**Na guerra e na paz,**  
**Tu grito de guerra**  
**Retumba aos ouvidos**  
**D'imigos transidos**  
**Por vil comção;**  
**E tremam d'ouvi-lo**  
**Pior que o sibilo**  
**Das setas ligeiras,**  
**Pior que o trovão.**  
**E a mãe nessas tabas,**  
**Querendo calados**  
**Os filhos criados**  
**Na lei do terror;**  
**Tu nome lhes diga,**  
**Que a gente inimiga**  
**Talvez não escute**  
**Sem pranto, sem dor!**  
**Porém se a fortuna,**  
**Traindo teus passos,**  
**Te arraja nos laços**  
**Do inimigo fala!**  
**Na última hora**  
**Teus feitos memora,**  
**Tranquilo nos gestos,**  
**Impávido, audaz.**  
**E cai como o tronco**  
**Do raio tocado,**  
**Partido, rojado**  
**Por larga extensão;**

Assim morre o forte!  
 No passo da morte  
 Triunfa, conquista  
 Mais alto brasão.  
 As armas ensaia,  
 Penetra na vida:  
 Pesada ou querida,  
 Viver é lutar.  
 Se o duro combate  
 Os fracos abate,  
 Aos fortes, aos bravos,  
 Só pode exaltar.

### Os Brancos de alma indígena

Não foi apenas uma árdua jornada de dez anos por territórios jamais percorridos por gente civilizada. Não foi só uma expedição científica irretocável, na qual astrônomos, etnólogos, botânicos, zoólogos e geólogos realizaram um trabalho exemplar. Foi, acima de tudo, uma missão humanitária e uma viagem de autodescobrimento.

Durante dez anos, de 1907 a 1917, a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas construiu 2.000 quilômetros de linhas telegráficas unindo Mato Grosso ao Acre, percorreu cerca de 10 mil quilômetros e botou no mapa mais 15 rios até então desconhecidos.

Muito mais importante que a obra geográfica e científica, no entanto, foi seu legado humanista. Comandada pelo então tenente Cândido Mariano da Silva Rondon, a missão contactou e pacificou as mais hostis e temidas tribos do Brasil Central e da Amazônia. Numa época em que os índios eram abatidos a tiros ao primeiro encontro, a Comissão Rondon abriu novas perspectivas para a dramática relação entre os dois povos.

Ao substituir o ódio pela ternura, a suspeita pela confiança e as carabinas por miçangas, Rondon se tornou o maior dos humanistas brasileiros e o mais respeitado defensor dos índios em todo o continente. Méritos que as tragédias que se seguiram não puderam apagar.

Descendente de índios terenas, o marechal Rondon nasceu em Mato Grosso em 1865. Sua carreira indigenista teve início em 1900, quando, formado pela Academia Militar do Rio, voltou a Mato Grosso para ajudar na construção da linha telegráfica que ligaria Cuiabá ao Araguaia. Participou então do processo de pacificação dos bororos. Em 1907, foi incumbido de estender a linha telegráfica até o Acre, cruzando 3.000 quilômetros de selvas e sertões desconhecidos. Durante essa jornada épica, Rondon cunhou a frase que se tornou o símbolo de sua relação com os índios, a marca de sua vida e obra: "Morrer se preciso for, matar nunca". Em 1910, Rondon fundou o Serviço de Proteção ao Índio (SPI), primeiro órgão do governo a tratar da questão indígena, criado quatro séculos após o descobrimento do Brasil.

### Irmãos Villas Boas



Irmãos Villas Boas

Orlando, Cláudio e Leonardo, os irmãos Villas Boas, foram os continuadores naturais da obra de Rondon, com quem começaram a trabalhar durante a expedição Roncador-Xingu, em 1945, feita sob a supervisão do SPI. Quando essa expedição partiu em direção ao centro geográfico do país, os sertões do Brasil Central eram praticamente "terra incógnita". Apesar das viagens de reconhecimento feitas por Von Spix e Von Martius (1875), Carl von Steiden (1884) e pelo próprio Rondon, em companhia do então presidente dos EUA, Theodore Roosevelt, a região nunca fora explorada.

Fartos da vida de escriturários que levavam na cidade grande, os irmãos Villas Boas partiram de São Paulo dispostos a se engajar na aventura. Planejada pela Fundação Brasil Central para impedir que as vastas extensões desabitadas do país fossem ocupadas "por potências estrangeiras", a expedição só recrutava mateiros experientes. Como jamais haviam estado na selva, Orlando, Cláudio e Leonardo foram vetados.

De tanto insistir, acabaram sendo aceitos e, no dia 12 de junho de 1945, faziam parte do grupo que cruzava o rio das Mortes, entrando no território ainda intocado dos índios xavantes. Depois de três anos de marcha, Orlando foi nomeado chefe da expedição por determinação do próprio Rondon (que não participou da jornada). Nos dois anos seguintes, construiu 18 campos de pouso e pacificou os xavantes, os jurunas e os caiaibis. Em 1951, terminada a expedição, Orlando iniciou uma campanha pela criação de um parque nacional no Xingu, no qual a vida selvagem - e especialmente as tribos indígenas - pudesse sobreviver. Dez anos mais tarde, quando o parque, enfim, foi criado, Orlando Villas Boas tornou-se seu primeiro diretor. O Xingu se transformaria então no modelo idílico para todas as reservas indígenas do planeta. Apesar das constantes ameaças, o Xingu fruto da dedicação e do esforço de Orlando, Cláudio e Leonardo - segue como um refúgio e um santuário encravado no coração do Brasil.

**Curt Nimuendaju**  
 Nimuendaju, em tupi-guarani, quer dizer "aquele que fez seu próprio lar". Era uma definição tão perfeita que, em 1906, Curt Unkel decidiu adotá-la como nome. Fazia apenas três anos, ele desembarcava no porto de Santos, vindo de Jena, Alemanha onde nasceu



A Celebração da Segunda Missa no Brasil - Pintor: Vitor Meireles

em 1883. Ao contrário de seus companheiros de viagem, que seguiram para o sul, decidiu embrenhar-se nas matas do Oeste de São Paulo.

Lá, encontrou os guaranis-apacuaís, foi adotado pela tribo e trocou de nome. Estava começando a carreira do maior etnólogo brasileiro de todos os tempos. Durante os 40 anos seguintes, Curt Nimuendaju percorria o Brasil de norte a sul, estando e vivendo com os caingangues, terenas, xavantes, caiaipós, xetas, txucarramães, araras, parintintins, macus e várias outras tribos. Deixou mais de 50 livros, quase nenhum traduzido para o português.

Morreu em 1945, às margens do Amazonas, sem jamais ter retornado ao convívio com os brancos. Foi enterrado como o índio que de fato havia se tornado.

### Os Ianomâmis

A tragédia dos ianomâmis é o primeiro genocídio anunciado e documentado do Brasil. Desde o início dos anos 70, antropólogos e missionários vêm alertando para o extermínio daquele que, talvez, seja o mais primitivo dos povos americanos. Restam hoje apenas 8.000 ianomâmis no Brasil (e 12 mil na Venezuela). São 20% a menos do que em 1975 - ano em que o Projeto Radam revelou que, sob o solo ocupado havia séculos pela tribo, existiam bilhões de dólares em diamantes, bauxita, ouro, cassiterita, nióbio, tório, tântalo.

Em 1992, o então presidente Collor regulamentou os 9,4 milhões de hectares da reserva ianomâmi - área maior do que a Holanda. Mas invasões e garimpos ilegais prosseguiram e, em 13 de agosto de 1993, pelo menos 20 índios foram massacrados por invasores. Os culpados nunca foram punidos. Os ianomâmis, vivendo há pelo menos mil anos na região, se consideram o primeiro povo criado por Deus. Segundo suas lendas imemoriais, quando o último pajé ianomâmi morreu, o mundo também morrerá.

### Juruna e Raoni

Dois caciques, dois destinos. O xavante Juruna e o txucarramê Raoni são dois índios mais conhecidos do Brasil. De certa forma, vivem vidas opostas, embora ambos tenham recorrido ao mundo dos brancos para resolver os problemas de suas tribos. Mário Juruna, filho do cacique xavante Apená, nasceu na aldeia próxima a Barra do Garça (MT) em 1942. Seis anos depois, sua tribo foi contatada pela primeira vez, pela expedição do sertanista Chico Meirelles. Dez anos mais tarde, em 1956, Juruna resolveu deixar a aldeia e conhecer de perto a vida dos brancos. Trabalhou em fazenda, viajou de carona, passou fome e, anos depois, voltou para casa. Não ficou muito tempo lá: na década de 70, passou a percorrer os gabinetes da Funai, em Brasília, lutando pela demarcação da terra xavante. Foi então que se tornou famoso: jamais foi visto sem seu gravador, "para registrar tudo o que o branco diz". Em 1981, Juruna foi eleito deputado federal pelo PDT. Fim do mandato, e abandonado pela tribo, ficou na miséria, em Brasília.

Raoni também perdeu uma eleição: foi destituído do cargo de cacique dos caiaipós-txucarramê por Tutu Pompo. Perdeu em casa, mas ganhou o mundo. Acompanhando o cantor Sting, Raoni percorreu o planeta, foi recebido por alguns dos mais poderosos políticos do planeta e conseguiu atenção e dinheiro para a causa indígena no Xingu e na Amazônia. Raoni nasceu em 1942. Ficou famoso em 1976, quando o francês Jean-Pierre Dieuleux dirigiu um documentário sobre sua vida. Raoni encarna o mito do bom selvagem.

### Os Caiaipós

Eles se transformaram nos índios mais polêmicos do Brasil. Explorando a riqueza existente nos 3,3 milhões de hectares de sua reserva no sul do Pará - especialmente o mogno e o ouro - os caiaipós viraram os índios mais ricos do Brasil. Movimentam cerca de US\$ 15 milhões por ano, derrubando, em média, 20 árvores de mogno por dia e extraíndo 6.000 litros anuais de óleo de castanha. Quem iniciou a expansão capitalista dos caiaipós foi o controverso cacique Tutu Pompo (morto em 1994). Para isso, destituiu o lendário Raoni e enfrentou a oposição de outro caiaipó famoso, Paulinho Paikan. Ganhou de Oscar Emlong Global 500 da ONU, espécie de Oscar ecológico, admirado pelo príncipe Charles e por Jimmy Carter. Paikan foi acusado do estupro de uma jovem estudante branca, em junho de 1992. A absolvição, em novembro de 94, não parece tê-lo livrado do peso da suspeita. Paikan - mitificado na Europa, criminoso no Brasil - é uma contradição viva e um símbolo da relação entre brancos e índios.

### Banco de dados pode proteger saber indígena

**Propostas dos índios garantiria direitos de propriedade sobre conhecimento tradicional**  
**Manaus- O Brasil pretende criar um banco de dados sobre os conhecimentos tradicionais das populações indígenas que vivem em seu**



Juruna



Raoni

território. O objetivo é proteger o saber milenar dos índios - como sobre propriedades terapêuticas de plantas - e repartir com seus detentores os lucros conseguidos com exploração comercial dessas informações.

A proposta foi feita pelo líder indígena Marcos Terena no Seminário Internacional sobre o papel da Proteção da Propriedade Intelectual nos campos da Biodiversidade e dos Conhecimentos Tradicionais, que terminou ontem, em Manaus.

A proposta foi bem aceita pelo presidente do Instituto Nacional de Propriedade Industrial (Inpi), José Graça Aranha, um dos organizadores do evento, com a Comissão Europeia, braço executivo da União Europeia.

"A idéia é boa e vamos discutí-la com os maiores interessados", disse. "Já marcamos uma reunião para dezembro, em Brasília, com 20 pajés, representantes de suas respectivas nações. É o primeiro passo para a criação de fato do banco de dados dos conhecimentos indígenas."

Terena disse que o banco de dados é uma forma de os índios também se beneficiarem da exploração da biodiversidade brasileira e dos conhecimentos produzidos por seus ancestrais ao longo do século. "Não queremos mais participar apenas como fonte de informações sobre a riqueza da floresta", afirmou. "Queremos fazer parte das discussões sobre o assunto e nos beneficiar desse patrimônio, que é nosso. Não vamos aceitar sermos representados pela Funai ou por alguma ONG nesses debates, senão, mais uma vez, será o branco falando pelo índio."

Na verdade, a idéia do banco de dados vem de um modelo existente na Venezuela, em discussão nos países andinos. Segundo Thaimy Márquez, diretora-geral do Serviço Autônomo da Propriedade Intelectual da Venezuela, o banco de dados dos conhecimentos tradicionais das nações indígenas da Amazônia venezuelana começou a ser montado há três anos. "Hoje temos cerca de 9 mil referências catalogadas", disse a representante da Venezuela no seminário de Manaus. "São cerca de 5 mil dados sobre plantas e 4 mil sobre conhecimentos da medicina e outros conhecimentos desses povos."

As informações armazenadas estão protegidas e quem quiser fazer pesquisa sobre elas tem de assinar um contrato. "Um dos itens mais importantes do contrato é que o que for descoberto a partir de um dado do banco deve voltar a ele", disse Thaimy. "Outro ponto importante é que os benefícios obtidos com as pesquisas devem ser repartidos com os índios. Não necessariamente em dinheiro. Pode ser a construção de um hospital, por exemplo."